

22/08/2019

## Formar para ação (Parte II)

### Ação como iniciativa

#### Gideon Borges dos Santos

[Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana.  
Pesquisador do Cesteh/ENSP/Fiocruz]

Na perspectiva de Hannah Arendt (2016), encontramos para ação dois termos equivalentes no grego e no latim.

Em sentido geral, a palavra vem do grego, *Archein* e do latim, *Agere*, que significa começar, conduzir, governar, imprimir movimento em alguma coisa. Além disso, pode ter origem no grego *Pratein* e no latim *Gerere*, que quer dizer atravessar, realizar, acabar, conduzir, levar a cabo um empreendimento. Aqui, a autora demarca que, diferentemente da ideia comum que considera uma ação todo engajamento humano nas coisas do mundo, seja preparar um alimento, fabricar uma mesa ou criar a democracia, agir é fazer existir algo, tomar iniciativa e também dar continuidade ao que foi iniciado por outrem, realizar o que ainda é um projeto.

É da natureza do início que se comece algo novo, algo que não se poderia esperar de coisa alguma que tenha ocorrido antes. (...) O novo sempre acontece em oposição à esmagadora possibilidade das leis estatísticas e à sua probabilidade que, para todos fins práticos e cotidianos equivale à certeza; assim, o novo aparece na forma de um milagre. O fato de o homem ser capaz de agir significa que pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. (...) e a cada nascimento vem algo singularmente novo. Desse alguém que é único, pode-se dizer verdadeiramente que antes dele não havia ninguém.\*

Tomando como referência as atividades humanas citadas, apenas a criação da democracia permite aos homens revelarem a sua condição de seres plurais. A preparação do alimento e a fabricação de uma mesa são atividades que, além de poderem ser realizadas no mais completo isolamento, não deixam para trás o testemunho de passagem do homem pela terra. No primeiro caso porque o objeto é rapidamente consumido e, no segundo, porque embora na condição de artefato possa resistir por diversas gerações, não produzirá sentido algum se não vier acompanhado pelo testemunho de alguém que presenciou ou relatou a sua fabricação. No caso da democracia, o engajamento humano é condição necessária para sua existência e, nesse processo, os homens ao se apresentarem como seres singulares sempre introduzem algo novo e distinto do que tenha existido antes.

Pela ação, o homem marca a sua pluralidade na terra e se afirma pelo fato de que os homens singulares e comuns, e não o Homem idealizado, habitam o mundo\*. A autora considera os homens como sujeitos singulares e encarnados, afastando a ideia de uma categoria universal de Homem capaz de representar todos os homens individualmente.

Ela destaca ainda que é por meio das ações e palavras que os homens se distinguem uns dos outros a aparecerem como únicos. Esse aparecimento, que depende da iniciativa e não da existência corpórea, significa a própria vida comum, posto que os homens podem viver sem trabalhar obrigando que outros o façam para suprir as suas necessidades, ou ainda viver no mundo, sem lhe acrescentar qualquer objeto útil, atividades que podem ser realizadas no completo isolamento. Contudo, uma vida sem ação e sem discurso significa renúncia ao mundo do convívio humano, construído pelos homens. Sem ação, o homem jamais poderia empreender uma coisa nova e, ao mesmo tempo, sem discurso, a ação seria muda e perderia o seu caráter revelador. Ocorre que toda ação é um processo que se converte em cadeia, causando novos processos, em um horizonte de ilimitabilidade. São as significações sociais de respeito às leis e às fronteiras territoriais que atuam como barreira para limitar o terreno da ação, sem contudo oferecer garantias absolutas capazes de impor esse limite. E esses obstáculos contra a ilimitabilidade da ação também são impotentes contra outras duas de suas características: a imprevisibilidade, que decorre não apenas da impossibilidade de predizer as consequências lógicas de determinado ato, mas pelo fato de que o pleno significado da ação somente se revela pelo olhar retrospectivo daquele que fará a narrativa dos fatos sobre o que aconteceu; e a irreversibilidade da ação, cujo remédio para se desfazer o que foi feito somente pode existir na presença dos outros. O constrangimento contra a irreversibilidade e a imprevisibilidade advém da própria ação.

Para a irreversibilidade, a faculdade de perdoar e, para a imprevisibilidade, a faculdade de prometer.

A primeira para desfazer atos do passado e a segunda para instaurar no futuro ilhas de segurança, no oceano de incertezas. A faculdade de prometer permite ao homem dominar a impossibilidade de garantir o futuro e prever as consequências de seus atos. Sem a faculdade de perdoar estaríamos condenados pelas consequências de nossas ações, de maneira semelhante ao aprendiz de feitiçeiro que não dispõe da fórmula mágica para desfazer o feitiço\*.

Qual seria, portanto, o sentido de “**formar para ação**”, tomando como referência a saúde do trabalhador?

O perigo dessa finalidade está no fato de tratá-la como uma atividade predominantemente prática, no sentido de fazer algo, executar uma tarefa, aplicar uma teoria, tomando a ação somente por um dos seus aspectos: o de levar a cabo um empreendimento. Ocorre que essa perspectiva se realiza, destaca Hannah Arendt, “**quando os outros são usados na execução de ordens**”\*, não sendo necessária a adesão por iniciativa própria.

Assim, *archein* (começar) e *pratein* (realizar) seriam duas atividades diferentes na qual uns iniciam algo e outros apenas executariam o que já estava determinado.

continua

<p>Isso, contudo, estabelece uma diferença entre os que sabem e não agem e os que agem e não sabem, relacionando o comando com o conhecimento e a prática – aqui tomada como “ação” em um sentido bastante reduzido – com a obediência. Nesse contexto, formar para ação está além da capacidade e disposição para aplicar teorias no contexto de trabalho. Esse processo não ocorre pela disposição em aplicar o que está previsto teoricamente, mas por fazer desta aplicação algo realizado de maneira singular.</p> <p>Atribui-se a esta singularidade o fato de ocorrerem eventos que não estão previstos pela teoria, do contrário a realidade nada apresentaria de novo, pois suas nuances estariam contidas ou prescritas enquanto ideia. Além disso, a teoria responde pela elucidação da prática, possibilitando enxergar a realidade de uma maneira que as lentes comuns não permitiriam. Nisso consiste a aproximação entre teoria e prática: a primeira fornece elementos para questionar a segunda e esta concede àquela sentido e validade.</p>	<p>Por outro lado, a própria elaboração de teorias pode afetar a história da humanidade e participar de intervenção da realidade. Trata-se da atividade sobre a qual muitos filósofos dedicaram a vida, entre eles Karl Marx, considerado um dos mais revolucionários pelos feitos teóricos que até hoje produzem efeitos práticos sobre o mundo. Observa-se, portanto, que tanto a prática (ação) quanto a teoria (discurso) são formas pelas quais a ação pode existir. No primeiro caso, assume uma característica pela iniciativa de dar continuidade ao que fora elaborado por outrem; quanto ao segundo, pelo fato de empreender, por meio da reflexão, formas encarnadas de compreensão da realidade que servem para orientar as práticas de intervenção no trabalho ou na sociedade de modo geral.</p> <p style="text-align: center;">■■■</p> <p><i>* Referência</i>  Arendt H. <i>A condição humana</i>. Tradução de Raposo Tavares. Revisão Técnica e apresentação Adriano Correia. 13. ed. Rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 234.</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores</i></p>	